

Botschafter:

Eu devo começar por me apresentar. Eu sou o embaixador do Brasil em Bonn há 3 anos. Infelizmente esta é a primeira vez em que eu posso comparecer à uma reunião da Associação dos juristas, instituição que eu prezo muito, e me alegra muito poder estar com os senhores aqui no dia de hoje na cidade de Bonn, onde eu trabalho em mais um evento desta associação. Associação que representa de maneira muito vívida a força da relação Brasil/Alemanha. Eu aqui tenho de modo geral contato com políticos, com altos funcionários e com empresários e banqueiros alemães. Raramente tenho contatos com juristas, até porque não é esse o ramo de trabalho normalmente na embaixada. Mas eu sei da importância do trabalho que os senhores fazem, brasileiros e alemães, como um vínculo muito especial entre as duas sociedades. Porque sem o trabalho do escritórios de advocacia dos juristas, dos professores de direito não seria possível o fluido desenvolvimento do relacionamento entre os dois países em todos os seus campos, e muito particularmente no campo empresarial e no campo dos investimentos. Nós brasileiros bem sabemos da importância da Alemanha para o Brasil. A Alemanha é o segundo maior investidor estrangeiro no Brasil desde o início do processo de industrialização brasileiro no pós-guerra, com uma imensa diferença em relação ao número 3 e perde apenas para os EUA. E o Brasil é o 11. recipiendário de investimentos alemães no mundo, o que pode parecer pouco, mas não é. Porque os 10 primeiros são países da Europa, vizinhos da Alemanha, e os EUA. Se nós eliminarmos 10 países da circunvizinhança da Alemanha e os EUA, que são a maior economia do mundo, o Brasil é de longe entre todos os demais países do mundo aquele que mais investimentos alemães têm recebido. Eu me alegro também de ver aqui os rostos de advogados e advogadas jovens, isso me lembra dos próprios tempos de estudos de direito na universidade católica do Rio de Janeiro. Eu me lembro -- e os senhores juristas me perdoarão contar esse fato tão vergonhoso -- mas em uma prova eu citei um jurista cujo texto havia lido, e naturalmente vendo que ele se chamava , eu não hesitei em dizer que se tratava de um ilustre jurista francês. Mal sabia eu que tratava de e que era alemão. E o professor me deu uma nota baixa pelo meu erro de nacionalidade do jurista. Mas em suma eu depois disso me convenci de que não tinha vocação para jurista e me transformei em diplomata. E é como diplomata que eu lhes falo para saudá-los pelo seu

trabalho. Eu quero aproveitar para contar-lhes um pouco também do que é o meu trabalho, inclusive porque no dia mesmo de hoje algo de muito importante está acontecendo, que tem haver com o que comentou aqui meu bom amigo o fundador dessa associação: hoje mais tarde um pouco em Washington vai ser anunciado um esquema de apoio financeiro ao Brasil envolvendo o entendimento com o fundo monetário com o Banco Mundial, com o Banco Interamericano e de outro lado entendimentos com os bancos privados e com os governos dos países mais ricos do chamado grupo dos sete. Esse pacote, como dizemos no Brasil, terá a magnitude de um pouco mais de 40 bilhões de dólares e servirá para reforçar a posição do Brasil perante a atual crise financeira internacional. Trata-se de uma crise sistêmica grave, uma crise que ninguém previu, que ninguém podia pensar que fosse ocorrer e que fosse ocorrer com a gravidade com que está agora ocorrendo. Essa crise começou na Ásia, passou pela Rússia, tocou na America Latina e voltou e hoje se manifesta sob a forma de generalizada aversão ao risco por parte dos investidores inclusive nos países mais desenvolvidos, nos países que mais sólidas condições econômicas oferecem, isto é nos próprios EUA e também em alguma medida na Europa. Como embaixador do Brasil em um país que é nosso segundo maior investidor e terceiro maior sócio comercial, historicamente a Alemanha foi o segundo, perdeu o segundo lugar nos últimos anos para a Argentina graças ao vertiginoso crescimento do . Mas a Alemanha continua estando entre os nossos três principais parceiros comerciais. O que eu lhes queria dizer é que como embaixador aqui eu e meus colegas nos temos desdobrado já neste último ano praticamente em procurar reforçar a posição do Brasil aos olhos dos banqueiros e investidores alemães mostrando algo que nós precisamos reconhecer e proclamar: que nós brasileiros somos sempre muito conscientes dos nossos erros, das nossas deficiências, das nossas injustiças. E fazemos bem em ser disso conscientes porque essa é a única maneira que temos de superar esses problemas. Mas nós também precisamos valorizar aquilo que temos de bom. Eu conheço a Ásia. Eu fui embaixador do Brasil em Peking por quatro anos e meio. Entre o início de 1989 e final de 1993 eu assisti à crise de , eu vi tanques de guerra reprimindo estudantes sob a minha janela. Eu viajei muito pela Ásia, não só como embaixador em Peking mas em outras funções que desempenhei antes e depois disso, e embora admirando muitíssimo as realizações da Ásia eu desde cedo me dava conta de que nós no Brasil e na América Latina temos importantes vantagens em relação a Ásia. Porque somos sociedades democráticas,

com instituições longe de ser perfeitas, mas são sólidas, estão consolidadas e estão em um processo de aperfeiçoamento. Nós temos no Brasil uma justiça com razão muitas vezes criticada, mas que funciona. Nós não temos a corrupção nem o capitalismo de compadres que existe na Ásia. Nós temos o *at law* ???, como se diz nos países anglo-saxões, o império da lei. Nós temos uma economia de mercado com deficiências, mas incomparavelmente mais sólida e vigorosa do que nos países asiáticos. Nós não temos em nossos países ódios étnicos, nós não estamos vendo, como na Indonésia, minorias chinesas sendo linxadas, mulheres violadas, pessoas cassadas nas ruas como bruxas. Nós não temos uma democracia como na Malásia, em que um governante acusa o seu segundo de crimes sexuais e crimes políticos e o põe na cadeia onde é espancado. É preciso dizer claramente a nossos amigos alemães banqueiros e investidores, e isso eu não me canso de fazer, o quanto diferente para melhor é o Brasil, e não só o Brasil, o Mercosul ???, e de um modo geral a América Latina em relação a países como Ásia e a Rússia. Pode parecer aos senhores absurdo que alguém compare o Brasil com a Rússia. Mas não, infelizmente ao longo destes meses eu me tenho confrontado aqui com muitas situações em que jornalistas de grandes jornais e grandes revistas alemãs fazem perguntas tolas sobre o Brasil como se o Brasil fosse exatamente igual à Rússia. Quando o Brasil é diametralmente oposto à Rússia. País que também visitei e onde constatei o terrível empobrecimento da população e o enriquecimento ilícito de uma pequena minoria de personagens dos quais um pouco mais de meia dúzia comanda o país. Os senhores me desculpem se sou um pouco franco e se não sou diplomático, infelizmente eu não vejo aqui nenhum chinês, nenhum russo, espero que não haja nenhum espião infiltrado, mas enfim eu me sinto emocionalmente afetado por essa situação porque depois de toda uma vida de trabalho mais uma vez eu sinto o Brasil vulnerável. Estamos vulnerabilizados, não há a menor dúvida. Agora é preciso compreender também que nós, feita, não fomos vulnerabilizados tanto pelos nossos erros, até pelo contrário, porque o Brasil passa por um processo de renovação econômica que é fundamental para que ele encontre condições de manter de futuro um desenvolvimento sustentável e que seja socialmente mais justo. Não há como ter justiça social com altos níveis de inflação. Nós vimos isso no Brasil, muitos de nós tardamos em reconhecê-lo. Porque é que a Alemanha estava arrasada 50 anos atrás ao final da guerra e é hoje a potência econômica que é, e o Brasil que tinha então uma boa situação ainda se encontra no estágio de desenvolvimento?

Porque talvez nós tenhamos cometido o erro de sermos muito ambiciosos, de querermos crescer a qualquer custo e de recorrer à inflação para financiar esse crescimento que existiu, mas que foi também profundamente injusto no plano social. Eu creio que todo processo de mudanças pelo qual o Brasil passa agora nos levará a uma situação diferente em poucos anos mais. E será a situação de ter um estado voltado para a regulação da economia e para a promoção do bem-estar social, saúde, educação, segurança, formação profissional, pesquisa, ciência e tecnologia e não para a produção do aço, da administração dos trens ou administração dos portos, coisa que pode ser melhor feita pela empresa privada. Inclusive, creio eu, pela empresa alemã. Esse é outro capítulo. Eu estava pensando comigo mesmo que nós estamos, como foi dito aqui, com um déficit hoje de 7% do produto bruto que é insustentável mesmo na ausência de uma crise financeira internacional. Porque é que nós chegamos a esse déficit de 7%? Mais cedo no ano eu trouxe aqui o ministro para conversas com os banqueiros e o falava em um déficit de 4%. Acontece que a crise asiática pegou o Brasil em um momento em que havia um certa deterioração dos nossos índices, do déficit comercial e do déficit em conta corrente. Foi preciso colocar os juros nas nuvens um ano atrás. De lá pra cá, embora os juros decrescessem, eles estavam em 19% quando a crise nos golpeia pela segunda vez e de novo eles são postos no nível de 40%. Nível que, como foi aqui assinalado, é insustentável. Mas o governo reagiu muito bem com um pacote de ajuste fiscal brutal, brutal, que vai nos exigir um imenso sacrifício. Nós vamos ter um ano de resseção ano que vem, não há a menor dúvida. Talvez um crescimento negativo de -1% o ano inteiro. Mas este é o preço que temos de pagar para sair da crise em condições mais fortes e não vulnerabilizados por uma inflação que vai corroer a economia e do novo aumentar as injustiças sociais no Brasil. De modo que esta operação que hoje está sendo anunciada e da qual participa a Alemanha como país parceiro e amigo é uma operação muito importante para dar ao Brasil condições de levar adiante o seu programa econômico. O real não pode ser desvalorizado. Pode haver até alguma sobrevalorização do real. Mas não há nenhuma sobrevalorização que não seja superável pelo atual esquema de deslizamento da banda cambial ????. Hoje, se o Brasil quisesse desvalorizar o real digamos em 15 ou 20%, daria início a um processo descontrolado. Não haveria como deter a desvalorização no limite desejado e nós reproduziríamos o que aconteceu na Rússia, na Indonésia, na Coréia do Sul e em outros países. Em suma, temos de aguentar a moeda pelo

menos por enquanto. Futuramente se poderá ver, mas de momento não podemos valorizá-la se não pormos a perder todos os ganhos até aqui alcançados não só no combate à inflação mas enfim em todo o desenvolvimento da economia. Eu queria informá-los, e isso é importante para os senhores que estarão aqui nos próximos dias, de que neste momento eu estou trabalhando intensamente na preparação da visita de três ministros brasileiros à Alemanha nos próximos dias. Segunda-feira eu saio daqui de manhã, viajo cinco horas de automóvel à Stuttgart onde se realiza a conferência latino-americana da economia alemã, e eu lá recebo o meu bom amigo e colega, o embaixador José Botafogo Gonçalves, ministro da indústria e comércio. É um evento importante que se realiza todos os anos, e eu sugiro inclusive àqueles funcionários alemães e brasileiros de grandes empresas que desejam informar-se sobre a relação bilateral são bem-vindos à Stuttgart. Um grande número de empresários de toda a América Latina, ministros, altas autoridades e o novo ministro da economia alemão estará lá. Nós vamos na ocasião abrir um novo fórum na relação Brasil/Alemanha que é um grupo de trabalho permanente sobre as questões de comércio entre os dois países. E eu fico com o ministro Botafogo segunda e terça e quarta de manhã cedo eu viajo à Frankfurt, recolho no aeroporto de Frankfurt o ministro, ministro da fazenda, venho com ele à Bonn para uma conversa com o novo poderoso e influente ministro das finanças alemão Oskar Lafontaine, voltamos pra Frankfurt e na quinta-feira temos em Frankfurt uma maratona: de 8.00 às 9.30 da manhã um café da manhã de trabalho com 15 banqueiros importantes, depois uma coletiva de imprensa, depois uma apresentação do programa econômico brasileiro e do pacote financeiro externo à uma plateia de mais de 100 representantes de bancos de todo o mundo, depois um almoço com um número selecionado de banqueiros, depois uma visita ao Sr. Berg, presidente do Banco Central Europeu, depois uma visita ao nosso bom amigo, o poderoso Hans Dietmeier, o presidente do Banco Central da Alemanha (Bundesbank), após o que eu terei o prazer de colocar meu bom amigo no aeroporto e desejar-lhe boa viagem e vir pra cá e tentar descansar um pouco. Em suma, eu quero dizer do grande prazer que tenho em estar aqui com os senhores meus compatriotas e meus amigos alemães que tanto trabalham pelas relações bilaterais e peço desculpas se me estendi muito, mas eu creio que em um momento tão especial da realização deste evento aqui em Bonn e no dia de hoje tantas coisas importantes acontecem que justificam o abuso que eu me permiti, o abuso da paciência dos senhores que eu me permiti

fazer. Eu lhes agradeço muito pela oportunidade. Vou pedir desculpas, eu tenho de -- como se diz em bom português -- voar para a embaixada de modo a preparar a visita dos ministros que estão me ameaçando semana que vem. Muito obrigado.